

## **POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL: A PRESENÇA DO IDOSO NA UNIVERSIDADE CONTEMPORÂNEA**

Edimar Pereira da Silva

### **RESUMO**

Este trabalho visa a uma possibilidade de refletir sobre a presença do idoso na Educação Superior, assim como, a oportunidade de enxergar o idoso pelas suas histórias de vida e entender quais os fatores o impulsionam a retornar aos estudos com 60 anos ou mais, após longo tempo afastado dos bancos escolares, e como ele aprende e se relaciona com os colegas em sala de aula e consigo mesmo. Sendo assim, desde já, é importante esclarecer que, esta pesquisa surge a partir da apropriação dos resultados dos relatórios do Censo 2012/ Educação Superior, foram formuladas análise que possibilitaram todo o *corpus* deste, a fim de se garantir uma visão mais específica sobre o quantitativo de alunos de 60 anos ou mais inclusos no ano de 2012, em todo o Brasil na Educação Superior, assim como esta divisão, em porcentagens, entre as regiões brasileiras. Quanto à abordagem metodológica, parte da análise descritiva de gráficos, aliada as ideias expostas por Ristoff (2011) e os autores Gomes; Oliveira; e Dourado (2011), ao discorrerem sobre as políticas de educação superior no Brasil.

Palavras-chave: Idosos. Educação Superior. Censo 2012. Memória.

### **Introdução**

A proposta de se trabalhar a figura do aluno idoso na educação superior a partir da apropriação dos resultados obtidos dos gráficos do Censo 2012, no que tange o ensino público, como método de se perceber a necessidade de se compreender a importância, no meio educacional, é de se apontar as contribuições do estudo desse público nas instâncias universitárias, além de melhor compreender e interpretar o mundo desses alunos, aproveitando a riqueza de suas memórias na construção e reconstrução do conhecimento sobre o processo de ensino-aprendizagem.

Com essas vivências que o idoso traz para o âmbito universitário, configura a clareza de que outras contribuições puderam apresentar-se como conhecimentos e concepções de como melhor lidar com a identidade do aluno idoso e valorizá-la neste momento histórico, político e econômico de urgentes transformações mundiais. Na intenção de produzir algum tipo de conhecimento de forma provisória, entender melhor os conceitos sobre história de vida, identidade pessoal e social, considera-se as

declarações de Thompson (1998. p. 50), o qual informa que o processo da memória depende da percepção e o método da história oral pode apresentar excelentes resultados quando usado numa pesquisa interdisciplinar, como pretendo neste trabalho. Para Confúcio (551 a.C.)<sup>1</sup> pareceu-me ter sido o precursor dessas análises ao realizar, para ele próprio, uma das primeiras divisões da vida em etapas:

(...) aos 15 anos, dispus meu coração para estudar, aos 30, me estabeleci, aos 40, não alimentei mais perplexidades; aos 50, fiquei conhecendo os mandamentos celestiais; aos 60, nada do que ouvia me afetava; aos 70, pude seguir os impulsos do meu coração sem ferir os limites do direito. (VARGAS, 1994. p. 3)

É notório que várias foram as teorias e fundamentações que com o tempo alteraram tal definição, e que, conseqüentemente foram melhor base para esta pesquisa. Partindo por este princípio, por meio da Organização Mundial da Saúde (OMS) no que se refere aos países emergentes, no caso do Brasil, indivíduos com 60 anos está no início da 3<sup>a</sup> idade. Então, com base no Estatuto do Idoso (2003) também define o idoso a partir dos 60 anos. No entanto, Vargas adota a divisão das fases da vida em cinco idades específicas, definição que será aceita como ponto de partida para este trabalho, como nos apresenta a Tabela 1 a seguir:

<b>Idade</b>	<b>Fases da Vida</b>	<b>Faixa-etária</b>
<b>1ª idade</b>	Infância e adolescência	de 0 a 19 anos
<b>2ª idade</b>	Maturidade	de 20 a 59 anos
<b>3ª idade</b>	Velhice incipiente	de 60 a 80 anos
<b>4ª idade</b>	Senescência	de 80 a 100 anos
<b>5ª idade</b>	Pós-senescência	acima de 100 anos

Mais do que ser um período de revisão de papéis, metas e prioridades, é um período visto, por alguns autores, como a última fase da existência humana. Esta fase de se refletir sobre a função e, principalmente sobre a funcionalidade do papel do indivíduo neste período da vida, relacionado à continuidade da aprendizagem formal.

Apesar do cansaço físico mais acentuado nesta fase da vida, é notório que os

1. VARGAS, Heber Soares. *Psicogeriatría Geral*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara/Koogan, vol. 1, 1994.

idosos têm-se nutrido do desejo de avançar e alcançar vitórias por meio dos estudos na atualidade, o que nos faz questionar a efetiva participação do idoso nesse contexto de regime capitalista, que ainda se valoriza a produção, uma vez que, esse tipo de constatação se configura de maneira falha, se considerarmos a possibilidade de que a finalidade e objetivo a ser alcançado por esse público se delineia por uma nova perspectiva, que parte princípio de que a satisfação pessoal ou, até mesmo, inclusão social seja marco significativo no processo que impulsiona a inserção, permanência e formação do idoso na educação superior.

Ristoff (2011 p. 195) já chamava tal avanço de expansão, termo também utilizado neste trabalho, de maneira que não pode ser confundida com democratização, mas define-se pelo crescimento expressivo do sistema, com índices que, no período de 1996-2004, chegam a aproximadamente 120% para matrículas e, no mesmo período 2004-2008, a 22%. Ou seja, aumento de 30%. Se reportarmos tais números para a realidade atual, poderemos refletir sobre como percebermos essa nova realidade, assim como, melhor conhecermos como funciona o seu processo de ensino e aprendizagem, no mundo contemporâneo.

Portanto, a partir da definição de Idoso, garantido pela Organização Mundial da Saúde aos países emergentes, garantida pelo Estatuto do Idoso de 2003, baseado nas inquietações sobre o ensino superior trazidas pelos autores Ristoff (2011) e Gomes; Oliveira; e Dourado (2011), poderemos garantir uma reflexão sobre o atual contexto da educação superior contemporânea, em relação a demanda cada vez mais ascendente de alunos com mais de 60 anos de idade nas instituições educativas de ensino superior democrática, ao se pensar a configuração dessa nova demanda numa perspectiva não só ligada ao mercado de trabalho, e sim, em uma abordagem para além dessa visão, o que se pode preconizar âmbitos outros para essa análise, trazendo a responsabilidade dessa condição de afetividade ou, até mesmo, motivação pessoal do idoso, para discussões nessa nova imagem universitária, não só em uma visão geral, mas em uma perspectiva regional desta realidade.

### **Educação Superior: um relato da realidade atual**

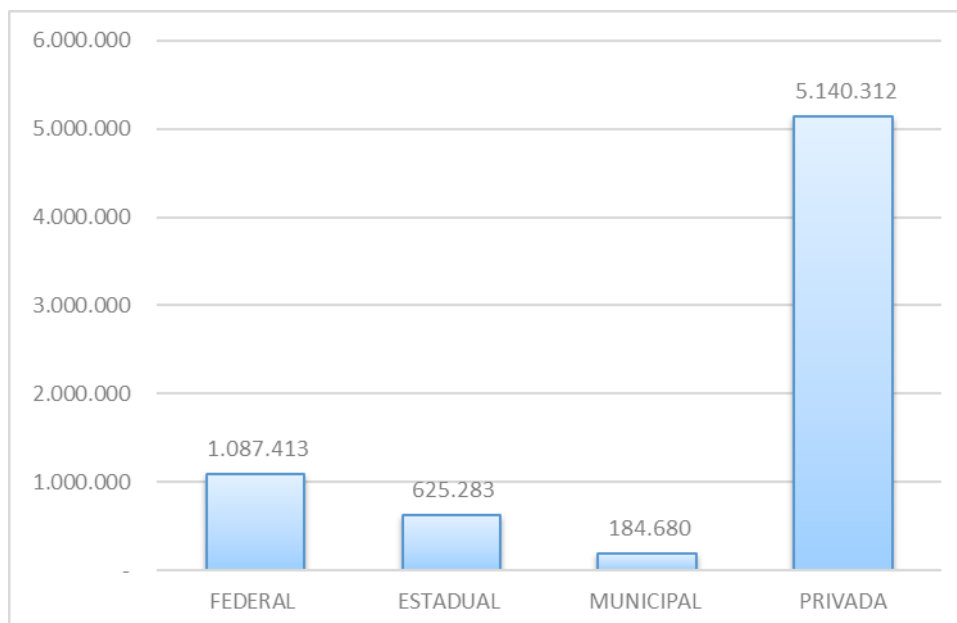
Estamos vivendo num período favorável e revolucionário na história da humanidade em se tratando da elevação da média de vida do ser humano, evocando uma alteração também na qualidade de vida. Pelas estatísticas, esta tendência deve aumentar. Em 1900, poucos indivíduos sobreviviam após os 50 anos. O fenômeno da longevidade é consequência de estudos e transformações conseguidas pelo ser humano, pela sua forma de pensar e agir, inclusive com o meio ambiente. O que nos garante uma população cada vez mais idosa, de acordo com a base apresentada neste trabalho. (Ver Introdução). Assim como, a eventual necessidade futura de se adequar a faixa-etária definida a esta nova realidade de uma gama de alunos, de 60 anos ou mais, cada vez mais ativos na educação superior.

É importante perceber que, atender a proposta de se promover a inclusão do idoso na educação superior como método de se reverberar discursos de que, tal configuração garanta a uma política educacional democrática, não supre as necessidades de que o idoso tenha, se a instituição superior se deter ao fato de que esse ensino esteja voltado ao mercado de trabalho, uma vez que, tal objetivo institucional não contemple os anseios desse novo experiente grupo apresenta.

Em primeira instância, objetivando ilustrar o panorama da educação superior atual, a Figura 1, nos exemplifica a realidade brasileira, esta que corrobora com Gomes; Oliveira; e Dourado (2011), ao afirmar que

Indutora do pragmatismo mercadológico, implicou um processo excludente de expansão das oportunidades educacionais, na medida em que a referida expansão não democratizou efetivamente o acesso à educação superior. As mudanças na legislação brasileira, desde a aprovação da LDB (Lei n. 9.394/96), produziram uma ampla diversificação e diferenciação das IES e da oferta de cursos e programas de formação profissional, corroborando com um dos objetivos centrais da reforma: expandir a oferta de ensino superior ou pós-médio no país, tendo por centralidade a iniciativa privada. (GOMES; OLIVEIRA; DOURADO, 2011. p. 156)

Quantidade de alunos matriculados nas IES, Brasil, referentes à apropriação dos resultados do Censo de 2012:



**Figura 1:** Quantidade de Alunos Matriculados nas Instituições de Educação Superior no Brasil/2012.  
**Fonte:** Elaborado pelo autor com base no Inep (2012).

A partir destes resultados, podemos perceber uma ascendência do número de alunos matriculados na educação superior no país, e com um número muito significativo de matrículas em IES privadas, assim como, o efetivo aumento da criação de IES privadas no decorrer do período em análise. Esclarecendo que tais dados, serão referência base para demais análises comparativas que serão levantadas no decorrer destes apontamentos. À guisa de informação, cabe ressaltar que no Brasil, o número absoluto de idosos na população aumenta vertiginosamente. O crescimento das populações adulta e idosa está sendo muito rápido. O censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2000, informa que a população de idosos, no país, era de 15 milhões, e em vinte anos, consoante projeções estatísticas da Organização Mundial da Saúde (OMS), será de 32 milhões, ocupando o sexto lugar quanto ao contingente de idosos no mundo.

A realidade nos dada por meio da análise da figura 1, portanto, reflete circunstancialmente, no número de idosos que integram e somam a essa realidade atual da educação superior no Brasil, em escala proporcional ao que se refere ao

desenvolvimento do povo brasileiro em relação às políticas públicas educacionais voltadas ao ensino superior, com a efetiva participação do idoso nesse novo espaço de aprendizagens.

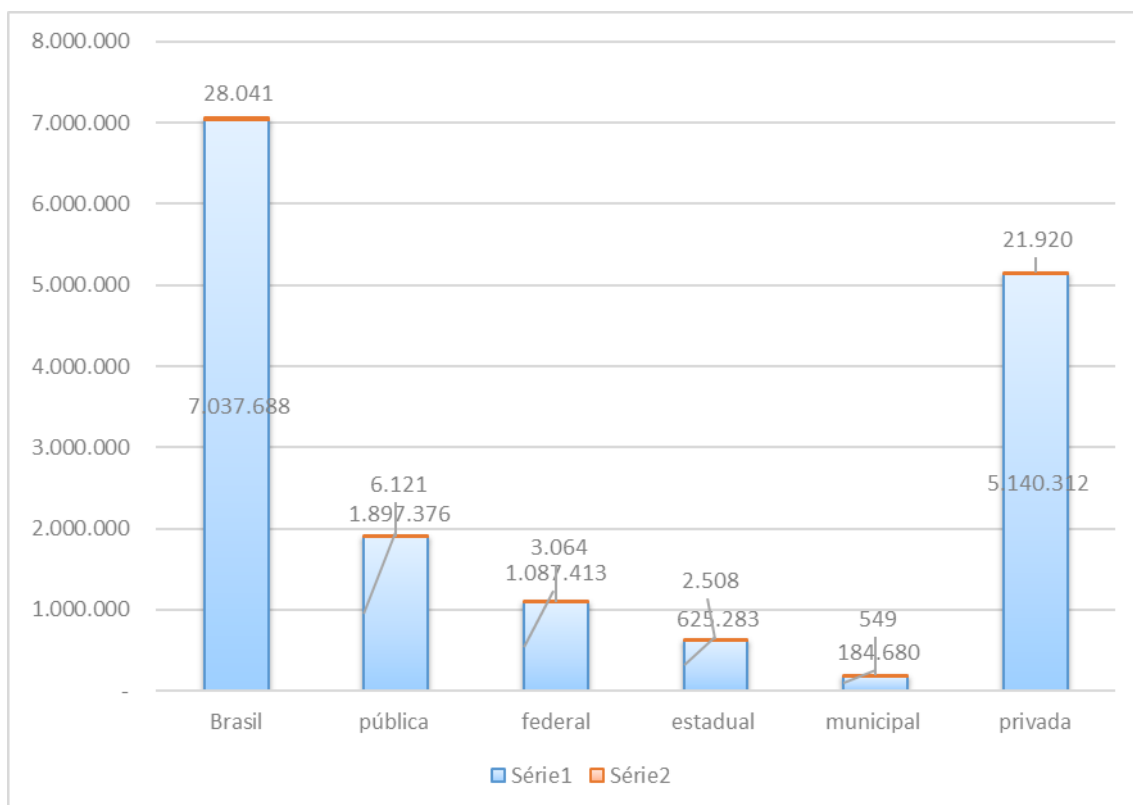
### **Caminhos para uma nova perspectiva aos alunos idosos**

Os dados de crescimento da educação superior no Governo Lula certamente ajudaram na compreensão das possíveis mudanças e continuidades em relação à política anterior. (RISTOFF p. 169) O que é claramente exposto na figura 1 desta análise. Pode-se notar, por intermédio da história, que, até o século XX, a educação brasileira foi desenvolvida para preparar as pessoas para o mercado de trabalho; contudo, existe um grande contingente de pessoas se aposentando e deixando formalmente esse mercado, percebe-se que o idoso mudou e é capaz de realizar até atividades complexas desse mundo informatizado.

Segundo esse panorama em que se propõe neste trabalho, pode ser percebido, na figura 1, um panorama de como está na atualidade, a visão geral da realidade da educação superior no Brasil, sendo necessária, já que se trata da proposta deste trabalho uma reflexão sobre o papel do idoso na contemporaneidade, segue então, como critério para uma nova abordagem sistêmica do ensino superior para alunos de 60 anos ou mais, o que se distribui nos relatórios do censo de maneira que há uma dicotomia entre indivíduos de 60 a 75 anos e ou mais de 75 anos, que fique claro que, para o escopo deste, foi levado em consideração a soma dessas duas categorias a fim de obtenção de dados mais significativos na análise.

Sendo assim, ignorar ou reduzir o espaço que os idosos ocupam nesse novo panorama, é o mesmo que privar este público as novas estratégias de que a sociedade pode propiciar ao idoso, novas configurações e significações, tanto ao ensino-aprendizagem quanto aos objetivos que o público idoso tem ao entrar, frequentar e concluir um curso num plano acadêmico.

Na figura 2, abaixo, apresenta-se um espelho da quantidade de alunos matriculados (presenciais e a distância), em relação ao número de alunos idosos matriculados (presenciais e a distância), de acordo com a visão geral, pública e privada, assim como, suas respectivas subdivisões:



**Figura 2:** Número de Matrículas Presenciais e a Distância (Série 1), Número de Matrícula nos Cursos Presenciais e a Distância, Faixa Etária de 60 anos ou mais (Série 2), Segundo as Unidades da Federação das IES – 2012  
**Fonte:** Elaborado pelo autor com base no Inep (2012)

É evidente que tal concentração de idosos na educação superior que parece ser tão sucinta, quanto ao número de estudantes matriculados nas IES, representam um número bem maior do que o apresentado, pois verifica-se que tais resultados estão cada vez mais significativos a cada ano, de acordo com os relatórios do Censo.

Partindo do pressuposto de que exista o desafio real de situar o idoso no contexto da sociedade brasileira, criando um pensamento capaz de ajudar na construção

de uma ideia de grupo, de povo, de nação, podemos acreditar, assim, que haja também uma reformulação de conceitos e de comportamento da comunidade universitária, a fim de resgatar o seu papel, sua estrutura e seus métodos. A defasagem é antiga, apesar de novos momentos estarem exigindo reparação urgente. Tais estudos, chamam a atenção ao fato de se criarem políticas públicas voltadas ao idoso, inquietações como: Um aluno idoso, com mais de 60 anos, cursando a universidade, fará o quê depois de receber o diploma? Se a universidade não oferece projetos de continuidade nem para os mais jovens, como atender às frustrações posteriores de seus alunos mais velhos? Deixo claro que este trabalho não se objetiva em responder a tais inquietações, na verdade, visa a reflexão por meio desta temática.

Finalmente, refletir em se tratando do sujeito idoso, como se pensar em políticas que o insira nas sociedades em rede, as possibilidades de se pensar na figura dessa classe não só como seres em formação ao mercado de trabalho, mas como políticas de inclusão e de acesso às universidades, no seio interdisciplinar de forma geral, para que ele se sinta participante dessa sociedade e não fora dela, relato que retoma a necessidade urgente de se pensar o papel da universidade atual.

### **Um panorama do idoso por região brasileira na educação superior**

Este é o momento de analisar a participação dos alunos com idade de 60 anos ou mais, do ensino superior, para a sua enorme responsabilidade, as reflexões que proporcionam, do seu emocional (memorial), das suas formas de conhecimento, dos instrumentos que utilizam e, também, do relacionamento com os demais. Isto repercute em todas as idades, mas principalmente no idoso, aqui, sujeito de estudo, além de entender que cada pessoa reage de forma diferente em presença do processo educativo. Após refletir sobre a visão geral de matriculados no ensino superior e sobre a participação do idoso numa visão geral dos caminhos da educação superior, torna-se viável um estudo sobre a participação do idoso por região brasileira.

Para Ristoff (2011),

só com políticas de expansão, combinadas com a democratização do acesso e da permanência, como as em implantação, é possível fazer com que o *campus* deixe de ser esse espelho que aguça as nossas



distorções e se torne uma lâmpada que ilumine os caminhos rumo à igualdade de oportunidade para todos. (RISTOFF, 2011. p. 211)

Em outras palavras, se aos poucos o professor for capaz de identificar as diferenças nas identidades dos alunos, provavelmente isto poderá ser um fator determinante nos diversos instrumentos de aprendizagem, ajudando-o a agrupá-los e a trabalhar com eles, em alguns momentos, individualmente, adequando seus métodos e seus diálogos na diversidade de idades, conhecimentos, ideias e personalidades.

Assim, torna-se importante ressaltar a como tem sido os estudos que reportem o idoso nas instâncias do ensino superior. Na tabela 2 abaixo, poderemos refletir sobre a presença do aluno idoso em cada região brasileira:

<b>REGIÃO</b>	<b>TOTAL ALUNOS MATRICULADOS NAS IES</b>	<b>TOTAL DE ALUNOS DE 60 ANOS</b>
Norte	546.503	2.864
Nordeste	754.669	6.344
Sudeste	1.210.014	12.510
Sul	669.778	4.292
Centro-Oeste	666.441	2.031

**Fonte:** Elaborado pelo autor com base no Inep (2012)

Cabe ressaltar que, a apropriação desses dados se torna necessária, a partir do momento em que as transformações sociais só podem ser um processo real se forem encaradas e planejadas com liberdade e responsabilidade. Quando chamado à responsabilidade no setor científico, o professor deve superar as limitações e preconceitos (FREIRE; SHOR, 1987 p. 87). Saber o que realmente o aluno quer em termos de vida pessoal, social e profissional. Isto envolve objetivos claros e decisões contínuas. Há uma necessidade de verdadeira sensibilização e conscientização do real sentido das coisas e da própria vida.

Lembrando que, Vygotsky (1988) parte da posição de que a consciência “é a habilidade em avaliar as informações sensoriais; em responder a elas com pensamentos e ações críticas e em reter traços de memória de forma que traços ou ações passadas possam ser usadas no futuro”; é ainda a vida tornada consciente, e também significativa

e subjetiva. Tanto Vygotsky como Piaget e Wallon não têm dúvidas acerca das diferenças radicais entre a consciência da criança pequena e a do adulto. A memória é um conjunto de módulos comunicando-se entre si por interfaces, e é preciso melhorar a criação das interfaces por meio da variedade de conhecimentos.

Ao se pensar no impacto da participação do idoso na educação superior, assim como as possibilidades e perspectivas, torna-se necessária a observação dos dados referentes ao quantitativo de matriculados de pessoas de 60 anos ou mais, no ano referência de 2012. Para completude da análise proposta, viu-se a necessidade de, além da tabela 2 acima explicitada, a utilização de dados do censo do ano anterior, 2011, a fim de se verificar o panorama apontados nos dados e pontos relevantes entre um ano em relação ao outro.

A tabela 3, abaixo, aponta a dados relativos ao comparativo de alunos de 60 anos ou mais matriculados nas IES em 2011, resultado do total de alunos matriculados nas IES em 2012, assim como, os resultados em porcentagem do comparativo entre um ano e outro. Deixamos claro que, tais dados se tornam viáveis a partir do momento em que, resultados apresentados nessa tabela possa servir como justificativa ao que vem sendo colocado, o fato da presença significativa do idoso na educação superior.

<b>REGIÃO</b>	<b>TOTAL ALUNOS DE 60 ANOS OU MAIS MATRICULADOS NAS IES 2011</b>	<b>TO</b>
Norte	1.758	2.86
Nordeste	3.837	6.34
Sudeste	7.700	12.5
Sul	2.825	4.29
Centro-Oeste	1.294	2.03

**Fonte:** Elaborado pelo autor com base no Inep (2011) e Inep (2012).

O que se constitui como relevante aos dados apresentados na tabela 3, é a constatação de que de 2011 a 2012, houve crescimento significativo da demanda de idosos matriculados na educação superior. O que assegura a necessidade de se criar novas perspectivas quanto aos objetivos desse público em adentrar às instâncias universitárias, assim como, os desafios apontados pela população idosa, em relação ao

currículo das IES ou a receptividade ou adversidades advindas da população, mediante ao contato com o a diversidade no ensino superior, apontados por Freire e Shor (1987 p. 105).

É importante ressaltar que o objetivo deste, não é propor uma nova metodologia para o ensino superior, ou mesmo supor uma nova abordagem ao currículo da educação superior, mas garantir uma reflexão destes recursos educacionais, quanto ao cuidado de se pensar a educação superior como ferramenta de aprendizagem continuada a esse novo público, que estão cada vez mais presentes nas Instituições de Ensino Superior.

Em uma outra óptica sobre a análise dos dados apontados pelo Censo/ 2012, ainda sobre os dados das tabelas 2 e 3, em que apontam os dados relevantes quantitativos em porcentagem, como forma de interpretar a de maneira significativa a presença do idoso na educação superior, se torna fundamental uma leitura desses dados para que estes, possibilitem uma reflexão da função, objetivo e contribuições do idoso, como agente ativo de transformação social, também, no contexto da educação superior.

Em termos de análise, nota-se que se torna vital dar oportunidades aos idosos de participarem assiduamente do mundo em que vivem, já que representam número significativo na sociedade com participação ativa e problematizações nas quais o trabalho de parceria seja uma constante. Deve-se aproveitar o fato de a aprendizagem autônoma ser mais frequente em pessoas com mais idade, com um estilo de aprendizagem independente e com capacidade de tomar decisões.

Voltando a Figura 2, em relação à Tabela 2, pode-se afirmar que: Há um índice maior de idosos na educação superior na região sudeste 32%, isto levando em consideração o número total de matriculados na educação superior; seguido da região nordeste 20%; Sul e Centro-Oeste 17% cada; e por último norte com 14%. Enquanto, comparação de Tabelas 2 e 3, há aumento significativo de idosos matriculados nas IES no período de 2011 e 2012, sendo este crescimento mais significativo na região Sudeste, com 45%, e menos na região Centro-oeste, com 7%. Não obstante ao fato de que em todos as regiões, o comparativo em números de tal período, houve aumento.

Para os autores Gomes; Oliveira; e Dourado (2011. p. 185), para análise de tais resultados é necessário considerar essa temática levando em conta a estrutura capitalista-liberal e o recente processo de reforma do Estado no Brasil, bem como as mudanças que vem ocorrendo no campo da educação superior, sobretudo nos governos FHC e Lula.

Portanto, tem-se encontrado vários alunos com mais de 60 anos, que não conseguiram cursar uma universidade antes. Os motivos são variados: falta de confiança em seu potencial, não criaram a consciência de que era possível estudar, não elaboraram sonhos e ideais, autoritarismo de parceiros, questões financeiras, e até mesmo falta de confiança. Hoje, temos a certeza de que todo momento da vida é propício para a aprendizagem, o que é exposto por meio da análise dos relatórios do Censo da Educação Superior.

### **Considerações finais**

Se o aluno já vem com uma história de vida marcada por leituras, construções de textos e constantes pesquisas, verifica-se, conseqüentemente, que os alunos mais idosos necessitam de maior atenção e acompanhamento, embora sempre considerando as nítidas diferenças individuais, ao se trabalhar a presença do aluno idoso na educação superior, com a finalidade de alcançar as metas que se deseja conquistar. Masetto (2003, p. 78) menciona que “(...) a busca de significado é fundamental para toda a aprendizagem, especialmente para adultos, que devem estar capacitados para aprender o sentido na sobrecarga de informações à qual estão constantemente expostos.”

Apropriar-se dos resultados dos relatórios dos gráficos do Censo 2012, tabelas 1.1; 1.2; 1.8, que conseqüentemente, relatam: O número de Instituições de Educação Superior, por Organização Acadêmica e Localização (Capital e Interior), segundo a Unidade de Federação e a Categoria Administrativa das IES- 2012; Número de Matrículas em Cursos de Graduação (presenciais e à distância) por Organização Acadêmica e Grau Acadêmico segundo a Categoria Administrativa das IES- 2012; e Número de Matrículas em Cursos de Graduação (presenciais e à distância), por Faixa-etária, segundo a Unidade de Federação e segundo a Categoria Administrativa das IES- 2012, se torna na verdade uma maneira de se conhecer, em uma visão mais ampla, o que tem se tornado a educação superior no Brasil, além de se proporcionar oportunidades de acompanhar a evolução do ensino por meio de dados relevantes do senso, nas mais variadas visões e perspectivas.

Para Garcia (1999), a aprendizagem do adulto é mais autônoma e independente, pois

ele tem a capacidade de tomar decisões, articular normas e limites da atividade de aprendizagem, como também a capacidade de autogestão e de aprender com a própria experiência, porém não se trata de uma atividade a ser realizada a sós. Um dado importante ressaltado, por ele, é o adulto estar mais interessado na aprendizagem a partir de problemas do que na aprendizagem de conteúdo. Isto se justifica em função da noção diferenciada de presente, passado e futuro. Para cada período da vida, a noção de tempo se modifica. (GARCIA, 1999 p. 77)

Toda esta preocupação perpassa também nas Reformas e Democratização da Educação Superior no Brasil, apontados pelos autores Gomes; Oliveira; e Dourado (2011), assim como para Ristoff (2011), ao discutir sobre as tendências e desafios para a expansão da educação superior. Este trabalho seria impossível sem um olhar interdisciplinar. Não se analisa ou avalia somente com o pensamento, mas com a emoção, com a percepção, com o físico, ou seja, com o ser total.

Por outro lado, percebe-se que os idosos, que retornaram aos estudos, atravessaram o estado de mesmice, passaram pelos momentos de contradições e de contendas familiares, desertaram de um estado de comodidade. Sem o outro, ele, como todo e qualquer ser humano, não pode ser. Além disso, um projeto de vida, se for calcado em ideias negativas, pode produzir desilusão e medo, mas se for associado ao conhecimento e participação, produzirá esperança e confiança ativa, compromisso e sentido, levando à transcendência, uma consciência de seus erros e acertos, e uma equilibrada forma de ver a vida, podendo contribuir muito para o desenvolvimento da aprendizagem, da educação superior, assim como, da sociedade como num todo!

## **Referências bibliográficas**

ARROYO, Miguel. *A universidade e a formação do homem*. In: SANTOS, Gislene A. dos (org.) *Universidade – Formação – Cidadania*. São Paulo: Cortez, 2001.

BRASIL. MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL. SECRETARIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL. *Política Nacional do Idoso*: Lei n. 8.842 de 4 de janeiro de 1994. 2. ed., Brasília, abr. 2014.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Censo da educação superior 2012*. Divulgação dos principais dados do Censo da educação superior 2012. Brasília: MEC. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/kenso-da-educacao-superior/resumos-tecnicos>. Acesso em: mai. 2014

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Censo da educação superior 2011*. Divulgação dos principais dados do Censo da educação superior 2011. Brasília: MEC. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/kenso-da-educacao-superior/resumos-tecnicos>. Acesso em: jul. 2014

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – INEP. *Dados Estatísticos*. Brasília. Disponível em: <www.inep.gov.br>. Acesso em: abr. 2014.

RISTOFF, Dilvo. A expansão da educação superior brasileira: tendências e desafios. In: FERNÁNDEZ LAMARRA, Norberto e PAULA, Maria de Fátima Costa de (orgs.). *Democratización de la educación superior en América Latina. Posibilidades y límites*. Buenos Aires: EDUNTREF, 2011.

FREIRE, Paulo & SHOR, Ira. Medo e ousadia. *O cotidiano do professor*. 2. ed. Rio de Janeiro, 1999.

GARCÍA, Carlos Marcelo. *Formação de professores – Para uma mudança educativa*. Porto, Portugal: Porto Editora, 1999.

HALL, Stuart. *Identidades culturais na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Ed., 1997.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo de 2012*. Rio de Janeiro. Disponível em: < www.ibge.gov.br >. Acesso em: mai. 2014.

LEI DE DIRETRIZES E BASES - Lei n. 9.394/96, artigo 87, Parágrafo 1. In: PENTEADO, Silvia Teixeira. *Identidade e poder na universidade*. 2. ed., São Paulo: Cortez e Unisanta ed., 1998.

LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos, para quê ?* São Paulo: Cortez, 1998.

MASETTO, Marcos (org.). *Docência na universidade*. Campinas: Papirus, 2003.

SAÚDE. São Paulo: *Do Bem Cultural*, ed. n. 1, nov./dez., 1999.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado – História oral*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

VARGAS, Heber Soares. *Psicogeriatría Geral*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara/Koogan, 1994.

VIGOTSKI, Liev. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VYGOTSKY, L.S. et al. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone/USP, 1988.